

# Caminho aberto a outros caminhos



## *“Começo da boa notícia de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1)*

Ao longo deste novo ano litúrgico, nós cristãos seremos inspirados pelo evangelista Marcos a viver, de modo sempre criativo e novo, o seguimento de Jesus. Seu Evangelho dá a arrancada inicial com este título: *“Começo da boa notícia de Jesus...”* Estas palavras nos permitem vislumbrar o que encontraremos em todo o relato de Marcos. O **“começo”** é um título que abrange e orienta tudo: o livro inteiro de Marcos deve ser ouvido como **“boa notícia”** sobre Jesus Cristo; boa notícia que desconcerta, que alimenta esperança e que abre um novo sentido para a nossa existência.

Com Jesus “começa algo novo”. É a primeira coisa que Marcos quer deixar clara. Todo o anterior pertence ao passado. Jesus é o começo de um caminho novo e de um tempo inconfundível. No relato, Jesus dirá que “o tempo se cumpriu”. Com Ele chega a boa notícia de Deus.

Isto é o que experimentaram os primeiros cristãos. Quem se encontra vitalmente com Jesus e mergulha um pouco em Seu mistério sabe que começa uma vida nova, algo que nunca havia experimentado anteriormente. Uma sensação de libertação, alegria, segurança e desaparecimento dos medos. Em Jesus, ele se encontra com “a salvação de Deus”.

Causa-nos assombro este início tão solene do evangelho de Marcos, que formula um apelo concreto, como se fosse a condição única para continuar com a leitura: *“preparai o caminho do Senhor, aplainai suas veredas”*. Esta Palavra, sempre oportuna, nos é apresentada neste tempo de Advento e nos recorda que, para acolher o Senhor, é preciso sair dos lugares estreitos, das posições fechadas, das ideias fixas..., e “fazer estrada” com o Deus Peregrino. Aqui está a verdadeira identidade dos seguidores de Jesus: os *“adeptos do caminho”* At 9,2 – assim eram conhecidos os primeiros cristãos.

O(a) seguidor(a) de Jesus é aquele(a) que descobre que não pode deixar de caminhar. Seguro(a) daquilo que lhe falta, percebe que cada lugar por onde passa é ainda provisório e que a demanda continua. E esse impulso interior, que é o seu desejo, o(a) faz ir além, atravessar fronteiras e “perder” seus lugares que davam a sensação de segurança. *“O místico não habita em parte alguma, ele é habitado”* (Michel de Certeau).

**“Fazer caminho”** não significa apenas deslocamento geográfico. As travessias nunca são apenas exteriores. Não é simplesmente na cartografia do mundo que o ser humano anda. Isso significa não perceber a profundidade do seu ser; **“deslocar-se”**, querendo ou não, implica uma mudança de posição, uma expansão do próprio olhar, uma abertura ao novo, uma alteração do ângulo habitual, uma adaptação a realidades, tempos e linguagens, um encontro com o diferente, um diálogo tenso ou deslumbrado, que deixa necessariamente impressões muito profundas.

A experiência do **caminho** é a experiência de fronteira e do espaço aberto que o ser humano precisa para ser ele próprio. Nesse sentido, a viagem é uma etapa fundamental da descoberta e da construção de si mesmo e do mundo. É a sua “alma” que perambula, descobre cada detalhe do mundo e olha tudo de novo como da

primeira vez. A travessia é uma espécie de propulsor desse olhar novo e contemplativo. Por isso, é capaz de introduzir na sua vida e nos seus planos, na sua organização, elementos sempre inéditos que podem facilitar aquela transformação radical que, em vocabulário cristão, chamamos “**conversão**”.

A conversão supõe movimento e implica itinerância, capacidade para sair do espaço conhecido e atrever-se a pisar onde ainda não há confirmação de solo seguro. Conversão e movimento, porque o imperativo está no plural - “**preparai!**” -, convidando-nos a encontrar com outros para realizar a missão à qual somos enviados; assim, nos convertemos em rastreadores da melhor senda, aquela que possibilita o cruzamento com outros caminhos, o encontro e o diálogo.

Estamos decididos a percorrer os **caminhos novos** que a novidade de Deus nos apresenta?

Ou nos entrincheiramos em estruturas caducas que perderam a capacidade de resposta?

**Caminhar** é sair do centro, das seguranças, da acomodação... e ir em busca das surpresas, das novas descobertas; implica arriscar, ter ousadia, não ter medo de fazer a travessia para o outro lado. Somos passageiros, um Caminho aberto à vida de Deus que permanece, caminho que anuncia e prepara a Vida. Por isso precisamos, mais do que nunca, da figura do profeta; autênticos profetas que, sem medo e partindo de sua experiência de Deus, nos ajudem a encontrar o verdadeiro **caminho**; pessoas que por sua dedicação e experiência pessoal possam lançar alguma luz nesse emaranhado de caminhos que se entrecruzam e que a imensa maioria são sendas perdidas que não levam a lugar nenhum.

A humanidade deveria ser caminho de vida, jamais caminho de morte. Caminhantes somos, todos no mesmo percurso, no mesmo vôo, no mesmo barco.

Mas temos esquecido nossa condição de nômades do tempo e da vida, peregrinos de Deus, pensando que podemos construir, com a ajuda do mesmo Deus, uma casa permanente sobre o mundo, um “tabernáculo” perpétuo onde repousar, seja na forma “sacral” (nossas seguranças religiosas), seja na forma secular (nossos sistemas econômicos-sociais). Mas, as condições dos tempos e, de um modo especial, a experiência mesma do evangelho, nos fizeram descobrir que somos **nômades do tempo** e peregrinos de Deus, para além de todas as formas e estruturas que fomos criando ao longo da história.

Ser nômade do tempo significa caminhar (voar, navegar), leves de equipagem e por itinerários que ainda não foram percorridos por ninguém, não como aves migratórias que vão e voltam por rotas pré-fixadas na mesma evolução do tempo, pelas estações e pelos ventos da terra. Somente nós, seres humanos, somos verdadeiros nômades da criação, pois para continuar existindo precisamos abrir, por terra, mar e ar (ou seja, por nós mesmos, no interior de nossa humanidade), os caminhos que ainda não existem, pois nós mesmos os traçamos.

Caminhantes somos, e assim o tempo do Advento nos leva para fora dos pequenos lugares de refúgio que fomos edificando (nossas torres de Babel) para amar, viver e morrer no descampado, como Jesus, enquanto buscamos e esperamos a cidade futura. Assim, caminhamos com Ele, sabendo que nem o olho viu e nem o ouvido ouviu o que poderemos olhar e escutar se continuamos caminhando com Jesus.

Neste Advento, não somos simples espectadores, mas, sim, criadores de futuro, ou seja, de nós mesmos, em Deus. Unidos por uma esperança compartilhada, queremos ser pessoas de Advento, sabendo que nossa história não está escrita nem fixada ainda, mas que nós mesmos vamos traçando-a, enquanto Deus percorre seu caminho em nós e por nós. Como cristãos cremos que nossa vida não está escrita, mas que precisamos escrevê-la, nós em Deus e com Deus. Por isso “**somos advento**”; vivemos em “**estado de advento**”.

### **Texto bíblico: Mc 1,1-8**

**Na oração:** - Orar é entrar na **Tenda** do Senhor, que é o próprio **coração**: peregrinação interior, mobilidade...

- Deus “**passa**” e nos coloca em movimento; a oração é “*fazer estrada com Deus*”, caminhar na mesma direção, entrar no ritmo d’Ele, deixando-nos “**ser conduzidos**”.

- Para onde você sente que Deus vai lhe conduzindo? Há alguma coisa que o aprisiona?

- Recordar **medos, entaves, obstáculos...** que limitam sua vida interior, impedindo-o(a) fazer-se peregrino(a)

- Quê eventos inesperados no caminho transformaram sua vida? O quê realmente causou impacto? Era algo planejado? Em quê aspectos da vida você pode “sair” dos terrenos conhecidos? Você já se arriscou alguma vez?

Pe. Adroaldo Palaoro sj